



SENTIMENTO PARENTAL E MASCULINIDADE NO MEDIEVO

Rejane Barreto Jardim¹

As pesquisas nos têm mostrado que são numerosos os textos medievais que falam da infância e do amor parental. Essas fontes são de distintas naturezas. Encontramos a criança nos romances, poemas, textos jurídicos, vidas de santos, manuais pedagógicos, cartas, etc. Esse personagem é também representado fartamente na iconografia e nos trabalhos produzidos por achados arqueológicos.

Desde Philippe Ariès, que em 1960 publicou *L'Enfant e la vie familiale sous l'Ancien Regime*, que os estudos sobre a infância e a família se tornaram objetos de investigação científica. O livro de Ariès teve grande repercussão, tanto nos meios acadêmicos quanto fora dele, e ainda hoje é um importante marco, justamente por conta de ter trazido à luz o problema da infância e da família nos tempos passados.

Segundo esse autor, a descoberta da infância data de tempos muito recentes, para ele a Idade Média não conheceu um sentimento de afeto em relação às crianças e aos adolescentes, que teriam sido vistos como adultos pequenos.²

Na mesma linha de interpretação desse autor, continuaram sendo produzidas algumas obras, as quais inclusive, alcançaram certa popularidade. Entre nós foi bastante discutido o livro de Elisabeth Badinter, *Um amor conquistado: o mito do amor materno* lançado no Brasil em 1985, e publicado na França, em 1980, sob título *L'amour em plus. Histoire de l'amour maternel, XVIII-XX siècles*. Nessa obra, Badinter afirma que a sociedade, antes da era moderna, era *uma sociedade sem amor*³, sugerindo ser esse sentimento uma invenção da era moderna.

No meu entendimento, não se trata de um erro de datação histórica que uma filósofa faz, ao analisar o sentimento do amor materno. Talvez se trate de um outro tipo de problema. Muitos textos escritos entre os anos setenta e oitenta do século XX, se preocuparam em datar determinados fenômenos tanto sociais quanto culturais, como sendo novidades que a modernidade teria produzido, fazendo-nos pensar que quase tudo do que somos foi uma elaboração de épocas muito

¹Doutora em História. Universidade Federal de Pelotas. Departamento de História e Antropologia.

Email: rejane.jardim@hotmail.com

²Essa interpretação de Ariès produziu dois tipos de reação entre seus leitores e colegas. Alguns compactuaram de suas conclusões, outros não. Entretanto, desde uma reedição do mesmo livro que data de 1973, ele modificou suas afirmações. Tempos depois, em uma outra obra, *L'enfant à travers les siècles* de 1980, ele diz se arrepender de não ter melhor se informado sobre a Idade Média.

³BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 46.



recentes, que teriam produzido uma grande ruptura com os tempos mais antigos. Como se no passado mais distante nada houvesse a não ser uma enorme lacuna ainda por preencher, Badinter está certa sobre uma série de outras questões, mas no afã de precisar a fundação dos alicerces da modernidade e, como uma das melhores herdeiras do pensamento moderno, aqui se confundiu, tanto quanto Ariès.

Sabemos que é possível observar entre culturas tradicionais formas de explicação dos fenômenos da esterilidade e da concepção, as quais nos sugerem ser os cuidados com a reprodução e por via de consequência com a mãe, o pai e a infância um fato que mobiliza a atenção dos homens bem antes da era moderna⁴.

Na Idade Média mulheres estéreis freqüentemente pedem socorro à Virgem que constantemente atende aos seus fervorosos pedidos, tal como ocorre no texto da *Cantiga 21*. Cuja narrativa assim se apresenta:

Esta é como Santa Maria fez aver fillo a hua mooler ⁵manya,
E depois morreu-lle, e ressocitou-llo
Santa Maria pod' enfermos guarir
quando xe quiser, e mortos resorgir.
...Porend' um miragr' aquesta Reya
santa fez mui gand' a hua mesquya
moller, que com coita de que manya
era, foi a ela um fillo pedir (...).⁶

As mulheres estéreis, além de menosprezadas pelas demais, também eram repudiadas por seus maridos, prática bastante comum naquela sociedade vividamente tributária de um modelo de masculinidade alimentado por diferentes discursos normativos da conduta masculina.

Se pouco se sabia, desde os antigos, sobre a anatomia feminina, o que poderia um casal fazer para ter filhos? Em relação ao corpo feminino, o conhecimento médico esteve por longo tempo limitado por algumas orientações dos pais fundadores dessa ciência que, na verdade, quase nada conheciam desse objeto.

Na época medieval, o debate se deu em torno do legado de Aristóteles que via o corpo feminino como o receptáculo passivo do embrião e, em torno da herança de Hipócrates que entendia

⁴Sobre os problemas que envolvem as relações de parentesco e as relações entre os sexos em culturas ditas tradicionais, consultar entre outros trabalhos: HÉRETIER, Françoise. *Masculin. Féminin. La Pensée de la différence*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1996.

⁵ Esse vocábulo tem a letra y com o sinal do til, mas por razões de tecnologia do teclado do computador utilizado nessa tese não foi possível obedecer à grafia original.

⁶*CSM 21*, I, p. 60-63. Esta é como Santa Maria fez uma mulher estéril ter filho mas que depois morreu e foi ressuscitado. Santa Maria poder proteger os enfermos e ressuscitar os mortos quando quiser. Porém um milagre aquela Rainha santa fez muito grande a uma pobre mulher que era estéril e foi a Maria um filho pedir. Chorando de coração pediu um filho varão, me dá e com prazer possa te servir. Mas o menino pouco depois de nascer morreu de uma febre muito forte, e a mãe por pouco não enlouqueceu por ele, e muito chorou. Então a infeliz ao mosteiro o levou e ante o altar o colocou, fazendo tão grande pranto que todos assim a viram...



esse corpo como algo duplamente ativado pela semente e pelo alimento formador do embrião, ambos com origem no corpo masculino.⁷

Mas, diante deste contexto, o que fazer para ter filhos? O que sabemos é que a sociedade medieval combinou elementos disponíveis pelo saber médico com receitas vindas da tradição oral que auxiliavam àqueles, homens e mulheres, que desejavam conceber. Desde permanecer imóvel após o ato sexual, por alguns instantes ou mesmo dias; o uso de poções que eram feitas de ervas e raízes que se acreditava terem propriedades que auxiliavam na concepção, tal como a raiz da mandrágora⁸, ou a aristoláquia⁹. Além disto, havia, também, numerosos objetos que tinham o poder mágico de ajudar no combate à esterilidade. Eram relíquias capazes de fazer uma mulher engravidar, tal como o cinto de Maria. Outra crença era tocar o prepúcio de Jesus Cristo¹⁰.

Entre os ritos de fertilidade, havia a crença no toque milagroso de Maria que, com o uso de suas mãos, teria ajudado na gravidez sua prima Isabel, que era estéril. Ou mais comum ainda, era tocar o ventre da Virgem. Também se acreditava que tocar ou ver uma grávida poderia ajudar na superação da esterilidade.

Por fim, em casos extremos, se partia em peregrinação em direção às fontes de águas que se acreditava terem propriedades curativas. Trata-se de um rito muito antigo que talvez se perca na noite dos tempos. São, portanto, heranças bem anteriores ao cristianismo, que incorporou esses elementos mágicos ao seu sistema de crenças, dando-lhes a proteção da Virgem ou de algum santo cristão.

São conhecidas inúmeras capelas que, ao longo da Idade Média, se elevaram ao lado dessas fontes mágicas. Na França, na comuna de Saint Géréon no Loire-Atlantique, havia uma fonte que antigamente resolvia a esterilidade feminina e que, até recentemente, era utilizada para esse. Várias

⁷ Nos tempos medievais essas questões mobilizaram a atenção de quantos se dedicavam a pensar sobre as relações entre os sexos. Hildegarda de Bingen (1098-1179), por exemplo, ora negava a existência de uma semente feminina, ora afirmava ser pequena e fraca a participação da mulher na concepção.

Entre ambas as tradições estão os árabes que fizeram boa parte das traduções dos médicos antigos para o ocidente cristão. Eles criaram suas próprias teorias, foi o que fizeram em relação à teoria dos *pneumas* de Galeno. Para eles existiria um terceiro *pneuma*, o *pneuma* natural, o que asseguraria as funções vegetativas. A contribuição árabe se avoluma, principalmente a partir do século XII, com a intensa atividade da escola de tradutores de Toledo, quando o ocidente conheceu o *Cânone* de Avicena e o *Liber ad Almasore* de Rhazes

⁸ Trata-se de uma raiz conhecida desde tempos muito antigos e usada com diferentes finalidades medicinais, para saber mais sobre seus diferentes usos consultar o site: <<http://pt.wikipedia.org>>.

⁹ Gênero de plantas trepadeiras, da família das Aristolochia sp. O Brasil, que é rico nessa espécie de planta, sendo conhecidas aproximadamente 300 espécies, vulgarmente conhecida como cipó mil-homens ou papo-de-peru. Sobre essa planta e seus usos, inclusive medicinais, consultar: LORENZI Harri; MATOS, F.J. Abreu. *Plantas medicinais no Brasil. Nativas e Exóticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

¹⁰ Esse dado é interessante, posto que o corpo de um homem judeu, sofre desde cedo, uma intervenção cirúrgica, conhecida como circuncisão, que simplesmente significa o fim do prepúcio. Nesse caso, cristo não teria sofrido tal procedimento, que talvez fosse ignorado pela lenda, ou poderia significar também, a negação de sua condição de judeu, compreensível numa sociedade que tem uma relação conflituosa com essa etnia.



são as igrejas e capelas consagradas à Virgem Maria, principalmente perto do ano 1000, que se tornaram lugar de culto das estéreis, que por força de suas preces esperavam por um milagre. A própria Catedral de Chartres foi construída em um lugar onde, no passado, havia um santuário destinado à Grande Mãe pagã.

Ainda sobre a ausência de filhos, as orientações que encontramos, em vários textos do período, sugerem que ter prazer na relação sexual era uma condição para que ocorresse a gravidez. Guilherme de Conches (1150), uma autoridade nesse assunto, afirmava que as prostitutas eram estéreis porque não tinham prazer durante o coito, e assim não emitiam a semente necessária para a concepção, e que as gravidezes derivadas de violação sexual ocorreriam porque poderia haver prazer no final do ato sexual. Afinal, a carne é fraca.

Hildegarda de Bingen acreditava ser necessário que o casal alcançasse o prazer no ato sexual para que a reprodução ocorresse. Sem os freios comuns à moral religiosa, ela descreve para a mulher essa condição, *El prazer de la mujer es como la luz del sol, que dulce, continua y suavemente se difunde sobre la tierra a la que calienta y hace fértil,... que le permite concebir y madurar el hijo en su vientre...*¹¹.

Já Averróis (1126-1198), na esteira de Aristóteles, defendia a idéia que a mulher não participava da concepção. Para ele, não havia necessidade nem do prazer nem da semente feminina. Segundo ele, uma mulher teria engravidado nas águas de um banho em que um homem havia depositado sua semente, ocorrendo assim uma gravidez sem a semente e sem o prazer da mulher¹².

Um casamento sem afeto, sem amor e sem prazer, condição necessária para a reprodução, era um casamento estéril, e passível de rompimento. No reino de Castela, o rei Afonso X, previa nas *Partidas*, o necessário afeto conjugal para que ocorressem filhos num casamento: *gran guisa, hermosura y apostura, porquehaya mejor amor entre ellos, et puedan mas aina Haber hijos, bondad de costumbres y, buen entendimiento entre ambos*¹³. Nesse contexto, no qual ocorre o cruzamento de diferentes interesses, as relações de poder entre esses distintos atores sociais estão perpassadas por um discurso de gênero, fato esse que produziu para homens e mulheres diferentes possibilidades de acessar os bens sociais, culturais e simbólicos elaborados por aquele sistema simbólico.

¹¹BEONIO-BROCCHIERI, Mariateresa Fumagalli. Hildegarda la Profetisa. In: *LaMujerMedieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1991, p. 177-201.

¹²Sobre Averróis e suas concepções sobre o corpo ver: TOMASSET, *Op. cit.*, p. 65-97.

¹³*Partida II*, *Op. cit.* p. 54.



Sendo assim, homens e mulheres têm papéis sexuais e funções sociais diferentes, cabendo a cada um uma tarefa específica no plano de Deus e dos homens. É oportuno lembrar que, segundo o franciscano S. Boaventura (1221-1274), o termo matrimônio está para as obrigações maternas, relativas à reprodução da espécie, assim como o termo patrimônio está para as obrigações paternas, relacionadas com a produção, portanto relativo aos bens materiais.

Foi essa mesma sociedade que produziu as condições nas quais as fontes em estudo foram produzidas. Nas *cantigas* de Afonso X encontramos algumas que tratam do tema da esterilidade como, por exemplo, as de número 43 e 171, nas quais além da mulher, encontramos também o homem compartilhando do desejo em constituir família. Ambos os textos nos falam de um casal que amorosos e dedicados buscavam um milagre, pois que não conseguiam ter filhos.

Chama a atenção do observador essa dedicação dos pais, que participam das preocupações em relação aos seus filhos. O trovador da Virgem apresenta cinco cantigas nas quais mães e pais compartilham responsabilidades no trato com os filhos.

O esquema narrativo afonsino se desenvolve em torno de acidentes, enfermidades, e variados perigos que cercam os filhos de pais virtuosos e devotos que, ante as dificuldades, recorrem aos favores divinos.

É o que se pode observar na *cantiga 175*, que nos conta a história da relação entre pai e filho, marcada pelos cuidados paternos, envolvendo o sofrimento de um pai que perde seu filho em uma situação bastante peculiar¹⁴. Essa cantiga apresenta personagens masculinos em suas relações de afeto, e que se demonstram tão dedicados um ao outro, como raramente ocorre em narrativas semelhantes. Falando-nos dos sentimentos entre homens, de uma maneira bem diferente do usual.

¹⁴ A história se desenrola durante uma peregrinação à cidade de Santiago de Compostela, na qual pai e filho viajam juntos vindos da Alemanha, e em Tolosa foram buscar um lugar para pousar e então acabam por conhecer o dono do estabelecimento que era uma pessoa má, e segundo a narrativa, tratava-se de um herege. As pessoas do lugar, inclusive, avisaram os peregrinos do perigo de ali ficarem. Esse herege, para garantir seus lucros, arma um esquema mentiroso, e colocando um copo de prata na bagagem do filho do romeiro o acusa de ladrão e invoca a justiça costumeira. Seus parceiros rapidamente executam o jovem na forca, não se importando com o sofrimento do pai, que sem ter o que fazer, encomenda o corpo do filho e segue em sua romaria até Santiago, sofrendo e chorando. Em seu retorno, passando pelo mesmo lugar, recorda o filho morto que ainda se encontra na forca, e chorando ouve o filho dizer que a Virgem o salvou, sustentando seu corpo para que não morresse. Então o pai corre a chamar o juiz e o povo para que vissem que no julgamento de Deus seu filho era inocente. Então o herege é levado à fogueira e a justiça se cumpre. Esse herege, para garantir seus lucros, arma um esquema mentiroso, e colocando um copo de prata na bagagem do filho do romeiro o acusa de ladrão e invoca a justiça costumeira. Seus parceiros rapidamente executam o jovem na forca, não se importando com o sofrimento do pai, que sem ter o que fazer, encomenda o corpo do filho e segue em sua romaria até Santiago, sofrendo e chorando. Em seu retorno, passando pelo mesmo lugar, recorda o filho morto que ainda se encontra na forca, e chorando ouve o filho dizer que a Virgem o salvou, sustentando seu corpo para que não morresse. Então o pai corre a chamar o juiz e o povo para que vissem que no julgamento de Deus seu filho era inocente. Então o herege é levado à fogueira e a justiça se cumpre.



Também encontramos, em Berceo, alusão ao envolvimento do homem nas preocupações com os filhos. É o caso da narrativa da *Vida de Santa Oria*, embora o poema tenha duzentas e cinco estrofes e somente em quatro o monge nos fale dos cuidados do pai de *Oria*, que junto com a mãe se apresenta envolvido nas preocupações com a filha, e segundo o poeta: *Santos fueron sin dubda e justos los parientes que fueron de tal fija engendrar merecientes*¹⁵, o importante é o dado de seu envolvimento afetivo, que é flagrante, embora não central nessa narrativa.

Os textos medievais analisados apontam coincidentemente esse indício ou, utilizando-se dos conceitos da antropologia estruturalista, esse elemento invariante, nos sugerindo a possibilidade de que, em alguns casos, o cuidado com os filhos fosse compartilhado pelo casal.

Voltando à análise das narrativas, embora a gravidez fosse frequentemente desejada havia a consciência de que ela implicava em sérios riscos para a saúde e a vida da parturiente e do bebê. A morte era bastante comum entre aquelas que engravidavam.

Nesse contexto, as práticas religiosas poderiam oferecer um importante instrumento de ajuda no momento do parto. A Nossa Senhora, era uma divindade que, por sua própria natureza, como mãe e intercessora divina nos assuntos dos mortais, reunia as condições necessárias para acolher as súplicas daquelas mulheres e homens que se viam em situações difíceis, em seus partos quase sempre arriscados, que muitas vezes poderia significar a morte da mãe e da criança. Assim, Nossa Senhora assegurava aos devotos, o bom parto, que as preces e lamentações dos envolvidos, incluindo pais e parturientes ajudavam a garantir.

A Virgem Mãe era uma mulher que, como as demais, conhecia os sofrimentos e incertezas que envolviam o nascimento de uma criança. Além disso, ela era, também, a mãe que aparava e amparava a vida em suas variadas formas.

Nas *Cantigas de Santa Maria*, a Virgem intervém para resolver os problemas de homens e em suas funções de pais e mães, além de solucionar problemas relativos ao cultivo da terra, ou às provisões alimentares, questões estas que diziam respeito aos afazeres femininos¹⁶.

No texto de Berceo temos o relato de um *parto maravilhoso*, título do milagre berceano, e que no texto afonsino é conhecida pela narrativa da cantiga de número 86. Nessa história temos uma grávida que surpreendida pela subida da maré quase morre afogada, mas que é salva pela ação milagrosa de Maria.

¹⁵ VSO, p. 95. Nas estrofes 4-7, o poeta apresenta os pais da santa; dedicando uma breve descrição do pai, cujo nome era Nunno, e a quem o poeta designa por justo e letrado.

¹⁶ Nas Cantigas 147, 161 258, por exemplo, ocorre a intervenção da Virgem para solucionar problemas relacionados com a proteção daquilo que foi produzido, ou pela terra, ou pelo trabalho humano.



No texto berceano encontra-se, tal como no afonsino, as referências do lugar que, segundo os textos, seria em uma localidade chamada Tambo, na enseada de Pontevedra, quando na realidade trata-se do Mont Sant-Michel, no limite da Bretanha com a Normandia. No milagre de Berceo, temos que: *um dia por ventura com la otra menada. Methióse uma femma flanquiella e prennada, Non pódio aguardarse tan bien a la tornada, Tóvose por repisa por era entrada*¹⁷. No texto das cantigas, lê-se: *Y, por ende, sucedió un dia que uma mujer preñada entro por allís, pero subió la marea y allí la cogió y no le era posible salir*¹⁸ Esse Monte Sant-Michel, lugar de peregrinação próximo das águas do mar, possivelmente o mar da Normandia, e que, segundo nossos poetas, recebia muita gente, para exaltar a Mãe de Deus e redimir seus erros.

É importante não esquecer que, para aquele sistema simbólico, mais do que qualquer outra coisa, peregrinar e orar se fazia necessário, haja vista que todos eram pecadores, desde o pecado original. Assim, as calamidades que faziam submergir homens e mulheres num mar de maldades e impurezas, *A san Miguel, el angel de Dios, estaba dedicada la ermita, donde iban muchos romeros a rogar allí que Dios quisera perdonales sus muchos pecados*¹⁹, podem representar formas de expiação, pois que *Sos pecados trovieronli uma mala celada*²⁰, o ato mesmo do pecado já engendra o castigo correspondente. Ao mesmo tempo em que submergida nos pecados do mundo, a humanidade livra-se deles nas águas milagrosas e terapêuticas guardadas pela Estrela do Mar²¹.

Essa idéia de salvação num mar de tormento foi uma das inúmeras que a alma medieval engendrou, sobretudo entre os poetas da Virgem. Em várias outras representações a santa é saudada como *o porto seguro*, onde aportam os sofredores de todos os tipos.

A título de conclusão, é oportuno pensar que as narrativas afonsina e berceana, ao apresentarem temas que envolvem o matrimônio, a geração de filhos e tudo que significa a constituição de uma família, nos permite pensar que, de uma forma ou de outra, estes temas eram objeto de preocupação de seus autores e, bem possivelmente, eram debatidos pela sociedade que os acolheu.

Bibliografia

¹⁷MNSGB, XIX, p. 15-108.

¹⁸CSM, I, 86, p. 247-249.

¹⁹Idem, ibidem.

²⁰MNSGB, Op.cit.

²¹Sobre os diferentes recursos utilizados pelos poetas para exaltar a Virgem consultar; PERÉZ DE TUDELA Y VELASCO. María Isabel. La imagen de la Virgem Maria en las "Cantigas de Alfonso X". In.: *En la España Medieval*, Madrid, n. 15, p. 297-320, 1992.



- ALEXANDRE-BIDON, Daniele; LETT, Didier. *Les Enfants au Moyen Âge V-XV siècle*. Paris: Hachette Littératures, 2004.
- ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (orgs). *SEXUALIDADES Ocidentais. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- _____. *História social da criança e da família*. 2 ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *L'Enfant et l'avie familiale sous l'Ancien Regime*. Paris: Seuil, 1973.
- BANDITER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARNAY, Sylvie. *El Cielo em la Tierra. Las apariciones de la Virgen em la Edad Media*. Madrid: Encuentro Ediciones, 1999.
- BAUTISTA ARIAS, Maria Teresa *Índices de las colecciones medievales para el estudio de la mujer*. Madrid: Agrupación Ateneista de Estudios sobre la Mujer/ Clara Campoamor, 1997.
- BECHTEL, Guy. *Les Quatre femmes de Dieu. La putain, la sorcière, la sainte e bécassine*. Paris: Plon, 2000.
- BERTINI, F. (Ed.). *La mujer medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- BERLIOZ, Jacques (org.). *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa, 1994.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.
- BROOKE, Christopher. *O Casamento na Idade Média*. Lisboa: Europa-América, 1991.
- CANTIGUEIROS. ULLETIN OF THE Cantigueiros de Santa Maria New York: Medieval and Rainaissance Textsd and Studies. , v. IV, XI, XII.
- CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do rito*. Porto: Rés Editora, s.d.
- CHALIER, Catherine. *As Matriarcas. Sara, Rebeca, Raquel e Lia*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- CHENON, Emile. Quelques rites nuptiaux. *Nouvelle Revue Historique de Droit Français et étranger*, Recherces Historiques, Paris, 36 anée, pp. 573604, 1912.
- CUADERNOS DE INVESTIGACIÓN MEDIEVAL. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 1984, ENE-JUN y JUL-DIC, 1984.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres en Occidente*. La Edad Media. Madrid: Taurus Minor, 1992.
- DUTTON, Brian. *Obras completas. Estudio y edición crítica por Brian Dutton*. London: Tamesis Books Limited. 1981. 5v: El Sacrificio de la misa, La vida de Santa Oria, El Martirio de San Lorenzo.
- FERRAREZI, Alicia C de. *De amor y poesia em la Esapaña medieval*. México: El Colégio del México, 1976.



- FILGEURIA VALVERDE, José. *Alfonso X El Sábio. Cantigas de Santa Maria. Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Editorial Castalia, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *História da Sexualidade. A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 1v.
- _____. *História da Sexualidade. O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 2v.
- _____. *História da Sexualidade. O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 3v.
- FLAUD, Henri. *Le charivari: les rituels fondamentais de la sexualité*. Paris: Payot, 1985.
- GARRIDO, Elisa (Ed.). *Historia de las mujeres em España*. Madrid: Editorial Síntesis, S.A.. 1997.
- HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunucos pelo reino de Deus. Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.
- HÉRITIER, Françoise. *Masculin/Féminin. La Pensée de la difference*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1996.
- IOGNA-PRAT, Dominique; PALAZZO, Eric; RUSSO, Daniel (Org.). *Marie. Le culte de la vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne Éditeur, 1996.
- KELLER, John E. *Las Narraciones breves piadosas versificadas en el castellano y gallego del medievo*. Madrid: Ediciones Alcalá, S.A., 1987.
- LÉVI- STRAUSS, Claude. *O Cru e o cozido*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- METTMANN, Walter (ed.). *Cantigas de Santa Maria*. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959, 4v.
- MARTÍNEZ, José Montoya (ed.). *GAUTIER DE COINCI. Los milagros de Nuestra Señora*. Barcelona: Textos Medievales/PPU, 1989.
- MENÈNDEZ PIDAL, Gonzalo (ed.). *G. de Berceo. Milagros de Nuestra Señora*. Zaragoza: Editorial Ebro, S.L. 1941.
- SOLALINDE, Antonio G. (ed.). *BERCEO. Milagros de Nuestra Señora*. Madrid: Espasa-Calpe, 1944, 1v.
- “TESTAMENTO de Afonso X de 10 de janeiro de 1284”. Soladinde, Antonio G. *Antologia de Afonso X, el Sábio*. Madrid: Espasa-Calpe, 1980.